



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

MULHERES NEGRAS, HISTÓRIA E POLÍTICA

Maria Jorge dos Santos Leite

Professora da Rede Pública Estadual de Pernambuco

Professora da FACHUSC

Doutoranda em Educação Brasileira, UFC

E-mail: mariajorge.santosleite@yahoo.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5169954250280873>

RESUMO

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa que venho desenvolvendo desde 2008 na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada no município de Salgueiro, Sertão Central de Pernambuco, para elaboração de minha tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira do Universidade Federal do Ceará.

Conceição das Crioulas foi fundada do final do século XVIII para o início do século XIX por seis negras -possivelmente escravas fugitivas- que ficaram conhecidas como as “seis crioulas”. Essa singularidade histórica fez com que aquela comunidade ficasse conhecida como um lugar “mulheres fortes”, que ainda hoje lutam pela defesa de seus direitos. O referido trabalho tem como objetivo analisar a importância política da mulher negra de na construção da história e da identidade étnica daquela localidade, enquanto comunidade quilombola.

PALAVRAS CHEVE: mulher, identidade étnica, quilombola.

INTRODUÇÃO

Conceição das Crioulas: uma história de mulheres

Em meio a caatinga, no Sertão Central do Estado de Pernambuco, está situada Conceição das Crioulas, uma das 2.289 comunidades quilombolas do país. Constituindo, desde 1940, o segundo distrito do Município de Salgueiro, região de semi-árido, castigada pela seca, localiza-se a aproximadamente 560 km da capital, Recife.



A comunidade quilombola de Conceição das Crioulas ocupa 40%, do município de Salgueiro, numa área de aproximadamente 600 km², habitada por 4.000 pessoas. Limita-se ao Norte com o distrito-sede municipal; ao Sul com os municípios de Floresta e Belém de São Francisco; ao Sudeste e a Oeste com Cabrobó e a Leste com Mirandiba.

Além da vila Centro, compõem o distrito de Conceição das Crioulas os seguintes “sítios”: Amparo, Boqueirão, Riacho do Juazeiros, Coqueiro, Chapada, Barrinha, , Jatobá, Jibóia, Poço da Pedra, Garrote Morto, Mulungu, Olho d’Águinha, Curtume, Angico dos Lúcius, Queimadas, Sítio Sítio, Rodeador, Paus Brancos, Vila União e Paula. Por todo esse território, distribuem-se as moradias e as áreas de trabalho dos “quilombolas”, que dividem espaços com “não-quilombolas”- brancos, índios e negros que não se identificam como quilombolas. Todos esses sítios, acima enumerados, estão localizados dentro do território identificado como terras dos quilombolas.

Para serem reconhecidos como quilombolas, os habitantes de Conceição das Crioulas buscaram no passado elementos que os identificassem como descendentes de negros escravos. São, pois, esses elementos que vão identificá-los, inclusive para si próprios, e diferenciá-los dos “outros” (os “não-quilombolas”). Assim, nas narrativas e nas repetidas reconstituições da sua “história de negros”, passaram a ressaltar aspectos que vão da cor da pele (preta) ao sentimento de pertença ao grupo, ou à reconstituição da história da comunidade.

A história da comunidade é contada a partir da memória oral de seus habitantes, segundo a qual foi "no tempo dos reis" que chegaram à região alguns negros e negras, vindos de Alagoas, possivelmente fugindo da escravidão. Esse grupo de negros e negras – embora na memória de seus descendentes apenas as negras tenham se destacado na fundação da comunidade, ficando conhecidas como as "seis crioulas" – se estabeleceu no sopé da Serra Umã, hoje Serra das Crioulas¹.

Segundo a tradição oral, por volta do final do século XVIII, as seis crioulas teriam arrendado "três léguas em quadro", de terras, aos "representantes do rei". O

¹ À época, aquela área integrava o município de Cabrobó, pois Salgueiro foi fundado em 1835.



pagamento seria resultante do próprio trabalho dessas mulheres. De acordo com Calmon: “Conceição das Crioulas (...) está localizada no município de Salgueiro, no Sertão Central de Pernambuco, cujas terras pertenciam aos Garcia D 'Ávila da Casa da Torre, sob o regime de sesmarias².”

Assim, diz-se que as crioulas iniciaram ali um plantio do algodão, cujas fibras eram transformadas em fio, produto vendido na cidade de Flores, distante cento e cinquenta quilômetros. Com esse dinheiro teriam pago a renda e se tornado donas de uma vasta extensão de terra, ainda em 1802, cuja escritura teria dezesseis selos, seria carimbada com o “carimbo da Torre” e teria sido feita pelo escrivão Pedro José Delgado e registrada no “livro do tombo”.

Mabel Ann Black Albuquerque afirma que há evidências históricas (de uma história documental) sobre a existência do escrivão Pedro José Delgado: “Sabe-se que em 1811, segundo Pereira da Costa, ele foi nomeado juiz de órfãos de Flores (Anais VII, 418, 421). Na época era comum esta função ser compartilhada com a de escrivão” (ALBUQUERQUE, 1997, p.24).

Na elaboração do mito, de acordo com a memória construída pelas narrativas dos “remanescentes”, a origem de Conceição das Crioulas transcende o tempo cronológico (Eliade, 1992), referenciando-se em expressões como: "antigamente", "naquele tempo", ou "no tempo dos reis". A única data significativa que o grupo guarda é 1802, que, conforme disse antes, seria o ano em que as crioulas haviam registrado a compra das terras. Como esse ano está no início do século XIX, há uma preocupação das lideranças atuais do movimento de Conceição das Crioulas em inferir que a chegada das seis crioulas tenha ocorrido no final do século XVIII, não se especificando, pois, o ano da chegada. Observe-se que essa não-especificação de datas é usual das construções mitológicas. No caso em estudo, o que contam são fragmentos presentes na memória coletiva.

O próprio nome de Conceição das Crioulas está ligado ao mito da origem. Contam que enquanto trabalhavam na cultura do algodão, as crioulas fizeram uma promessa: se um dia conseguissem comprar as terras que ocupavam, ergueriam uma

² Calmon, Pedro. História da Casa da Torre, p. 130. IN: Andrade, Fábio Bezerra e Silva Júnior, José Alfredo das. Comunidades Remanescentes de Quilombos no interior de Pernambuco. Recife, UFPE, 1997.



capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Com o resultado do seu trabalho e a "ajuda da santa", o sonho tornou-se realidade e as crioulas construíram a capela, dando origem ao nome da comunidade. Inscreve-se, pois, nas raízes do nome da comunidade uma homenagem à padroeira e às próprias crioulas.

Essas histórias, elaboradas a partir da memória oral, são de fundamental importância na construção da identidade dos “remanescentes de quilombos”, habitantes de Conceição das Crioulas. Aqueles que acreditam no mito e se sentem descendentes das seis crioulas fazem parte da representação de um grupo, por eles mesmos definido de várias formas: "nós", os "negros", os "morenos", os "pretos", os "remanescentes" ou os "quilombolas" como, também, costumam se definir. No lado oposto, estão os "outros", os que não aceitam o mito, aqueles que não se identificam nem são identificados como “remanescentes”. São: os “não-remanescentes”, os "brancos", ou "fazendeiros bancos", ou "posseiros" ou, ainda, os "grileiros", além dos “índios”.

Dessa forma, percebe-se que a identidade de “de quilombolas”, habitantes de Conceição das Crioulas, não está sendo construída a partir de uma história de resistência negra à escravidão, mas a partir do mito de uma fundação, cujo marco primeiro seria a aquisição da terra. Na interpretação dos “remanescentes”, esse passa a ser o principal fato, e a partir dele, ganha corpo e significado a idéia de uma comunidade negra, que luta pela posse da terra e por uma identidade étnica, baseadas em fatos que julgam verdadeiros.

Como afirma Mabel Albuquerque,

(...) nesse sentido, não importa se o mito é uma história verdadeira ou falsa. A apreensão da dimensão mítica das duas versões (a negra e a branca) se faz independente do questionamento de sua verdade. É dessa forma que, através das histórias que contam e de como a terra foi comprada a comunidade negra de Conceição das Crioulas estabelece uma relação formal com os fatos mais importantes de sua trajetória histórica (escravidão e posse da terra) e de sua própria identidade étnica (negra) (ALBUQUERQUE, 1997, p.30).

O mito da fundação de Conceição das Crioulas já vem acompanhado de uma história de liderança. Excepcionalmente, uma liderança de mulheres, "as seis crioulas". A tradição oral é enfática em apontá-las como mulheres fortes e resistentes, que,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desafiando os padrões sociais da sua época, exerceram grande influência sobre seu grupo, na coordenação dos trabalhos, no plantio e colheita do algodão, no firme propósito de adquirirem a posse legal da terra, através da compra. Em outros momentos da história de Conceição, especificamente quando aquelas pessoas começaram a ser expropriadas por outras, vindas de fora, atraídas talvez pela qualidade do solo propício ao plantio de algodão e à criação de gado, também foram as mulheres que se destacaram na luta pela recuperação daquelas terras. E hoje, na luta pela construção da identidade étnica e pela terra, são essas mulheres negras: trabalhadoras rurais, professoras, enfermeiras e outras que estão no comando.

Novas lutas, outras mulheres

A resistência à expropriação das terras das crioulas foi um dos fatores que contribuiu para a instituição de lideranças- os sujeitos políticos- e, conseqüentemente, de uma estrutura política organizada – a formação dos campos- em Conceição das Crioulas. Curiosamente, os nomes que aparecem como sendo de lideranças que se destacaram na fundação de Conceição das Crioulas e na luta pela recuperação da terra são quase todos de mulheres. Os quilombolas lembram, freqüentemente, de: Chica Ferreira, Mendencha Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Maria Solano, Isabel Coração, Romana, Martinha, Sabrina, Maria Rosa, Rosa Ferreira, Antônia Carneiro, Matilde, Januária e Agostinha Caboclo.

Na história do passado o único nome de homem, sempre lembrado na história de Conceição das Crioulas, é o de Antônio Domingos. Mesmo assim, ele aparece como coadjuvante, sendo o companheiro de Agostinha Caboclo, nas viagens em busca de recuperar a posse da terra. Hoje a organização social e política de Conceição das Crioulas já não é exclusividade das mulheres. Muitos homens também se empenham na luta pelos direitos quilombolas. Eles estão à frente de associações, sindicatos ou na política partidária, mostrando assim que quando se trata de interesses da coletividade quilombola as relações de gênero tornam-se uma questão irrelevante.

No final da década de 1980, os ideais defendidos pelo movimento negro em geral, começaram a penetrar na comunidade e a provocar transformações na forma de ver o mundo ou no pensamento de negras e negros em Conceição das Crioulas. Nesse



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

momento, aqueles que tradicionalmente já lutavam pela recuperação da terra das crioulas, suas antepassadas, alegando ser um direito de herança seu, passaram a entender que de qualquer forma, a terra lhes pertencia, pois eram descendentes daquelas crioulas que provavelmente eram escravas fugitivas, o que lhes abria a possibilidade de serem classificados como comunidade quilombola, e como tal, o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal lhes assegurava o direito à posse da terra.

A comunidade começou a passar por intensas inquietações que vieram provocar grandes transformações no modo de pensar daquela gente. Assim, começou-se a se estruturar uma nova luta em defesa da propriedade da terra. Uma luta que passou a contemplar a valorização do “ser negro”, em um contexto, até então, extremamente adverso e, muitas vezes hostil, a essa condição; iniciava-se, assim, a construção de uma identidade negra, processo em meio ao qual surgia também a necessidade de se estabelecer a quem seria, ou não, conferida a identidade de quilombola. Desse modo, fatos antes negados, como a descendência de negros escravos, passaram a ser valorizados por aqueles que, dentro de um processo de conscientização, aos poucos, iam se identificando como quilombolas, dando, assim, legitimidade ao movimento.

Esse movimento foi se espalhando, gradativamente, pela vila e pelos vários “sítios” que, no conjunto formam aquilo que se conhece como área quilombola de Conceição das Crioulas. Foi se construindo, ali, a comunidade e se distinguindo como grupo étnico. Negras e negros, na maioria jovens, começaram a participar das discussões, a mudar seu pensamento e, como eles mesmos afirmam, a “aceitar melhor sua negritude”.

Esse momento de “aceitação” se impõe a um longo passado de “negação”, segundo os quilombolas, motivada pela discriminação sofrida pela comunidade:

Durante muito tempo, o povo da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas foi discriminado e boa parte manipulado pelos ditos “poderosos”, os brancos. Foram mais de dois séculos de dominação e negação da história de um povo que resistiu a diversas formas de violência e agressão. Desde de muito cedo fomos ensinados a negar a nossa cor e nos aceitar como “moreninhos”, escondendo nossas raízes ancestrais. Tudo isso porque ser negro era



feito, era sinônimo de escravidão. E quem quer ser feito? Escravo³?
[.....]

Obviamente, desses encontros poderiam surgir lideranças tanto masculinas como femininas. Mas, “por coincidência”, ou para não fugir à tradição, o comando dessa nova luta – pelo menos a princípio- foi delegado a uma mulher, a professora Givânia Maria da Silva. Nesse movimento a participação dos homens é bastante significativa. Pode-se citar, por exemplo, Andreilino Mendes, João Alfredo, Antônio Mendes, como os mais atuantes; portanto, não são omissos. Entretanto, Givânia é sempre lembrada não só como iniciadora do movimento quilombola, mas por sua trajetória de vida e participação na política:

Givânia foi a primeira mulher de Conceição das Crioulas a ter curso superior e envolver-se diretamente na política partidária. Por indicação das lideranças da comunidade, foi candidata a vereadora, sendo eleita duas vezes consecutivas. Ela também é integrante da CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas). Através de sua atuação , tem conseguido divulgar a causa quilombola em todo país , bem como sensibilizar os governos (municipal, estadual e federal) e ONG´s de todo Brasil a investirem na comunidade⁴.

Givânia é considerada a precursora do movimento quilombola que hoje é levado a feito pelos habitantes de Conceição das Crioulas. a Como essa liderança atualmente está morando em Brasília a luta política em comunidade de Conceição das Crioulas conta com a atuação de outras lideranças masculinas e femininas; entre as últimas se destacam: Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva e outras. Na impossibilidade de analisar aqui o perfil pessoal e político de todas essas mulheres, me refiro apenas à primeira – Aparecida Mendes-, que já ocupou o mais importantes cargo político da comunidade: a coordenação da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). O quilombola Raimundo Antônio da Silva, reconhece o poder político das mulheres e identifica em Aparecida Mendes uma certa hegemonia em relação às outras: “Nas reuniões as mulheres sempre estão na frente. Basta dizer que tem uma mulher em Conceição, como Lia (Aparecida Mendes), por exemplo, que pra falar com ela é a coisa mais difícil do mundo, porque ela vive viajando. Eu considero isso importante,

³ Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 1, nº 3 novembro de 2003, pág 8

⁴ Jornal Crioulas: a voz da resistência. Ano 3, nº 8- agosto de 2005, pág 7



porque se as mulheres não fizessem isso o movimento ia abaixo, porque os homens não se envolvem muito”.

Para o quilombola citado, a participação das mulheres quilombolas nas atividades políticas é bem superior à dos homens, nos sindicatos rurais do sertão hoje atinge cerca de 70% das filiações. Esta situação parece não incomodar o agricultor, que também reconhece a fragilidade da participação masculina no movimento quilombola.

A história de luta de Aparecida, ao que me parece, faz parte de uma tradição familiar. Seu discurso revela não só o carinho que tem pela sua avó Firmiana, conhecida por Ana Belo, de 85 anos, como também a influência que recebeu dela: [...] “Ana Belo é minha vó, a minha vizinha querida e ela é uma pessoa insistente nas coisas que faz, é uma pessoa assim, com quem me inspiro para lutar, geralmente quando estamos quase fraquejando é uma das pessoas que a gente procura pra conversar e pra se fortalecer e, apesar dela ter 85 anos e saber que a luta não é fácil, ela nunca desestimula, ela tá sempre nos incentivando a ir à frente apesar das dificuldades”.

A quilombola acima valoriza a importância do debate político e critica a forma como as comunidades quilombolas estão sendo tratadas pelo governo, a partir de ações vindas “de fora para dentro”, num processo que ela denomina de “nova política de reconhecimento”. [...]

É uma nova política que tá acontecendo com os grupos, que é uma inquietação. Que, ao invés das comunidades estarem se autoreconhecendo, o governo chega lá e reconhece sem discussão e já chega com o chamado benefício, mas a gente imagina que por trás desse benefício tem um interesse. A comunidade tava um pouco inquieta com essa questão, porque o reconhecimento não partiu da própria comunidade e sim do governo⁵.

Grupo étnico: categorias de identificação

⁵ Depoimento citado por Maria Aparecida de Oliveira Souza. In: SOUZA, Maria Aparecida Oliveira. AS MULHERES, A COMUNIDADE DE CONCEIÇÃO E SUAS LUTAS: as histórias escritas no feminino- Dissertação de mestrado. Brasília, UNB: 2007(mimeo).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A discussão sobre o conceito de etnicidade é bastante complexa, no campo das Ciências Sociais. Alguns autores tratam a questão sob pontos de vista diferenciados, o que possibilita uma compreensão mais profunda da complexidade desse conceito.

Neste trabalho, utilizo-me das noções de “grupo étnico”, “comunidade e fronteiras étnicas”, tratadas, dentre outros, respectivamente, por Max Weber e Fredrick Barth.

Weber, em *Economia e Sociedade*, dedica um capítulo às relações comunitárias, étnicas, fazendo uma distinção significativa entre etnia e raça, o que vem, de uma certa forma, desfazer confusões persistentes entre os dois conceitos. De acordo com a abordagem de Weber, o que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é "realmente" fundada na comunidade de origem. Enquanto que a pertença ao grupo étnico associa-se à crença subjetiva na comunidade de origem¹.

Para Weber, os grupos étnicos são: aqueles grupos humanos que em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e imigração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação das relações comunitárias, sendo diferente se existir ou não uma comunidade de sangue afetiva (WEBER, 1991, p. 270).

Ainda em relação aos grupos étnicos, Weber afirma: “assim como não se pressupõe uma real comunidade de origem, os grupos étnicos também não pressupõem uma real atividade comunitária. Eles existem apenas pela crença subjetiva que têm seus membros de formar uma comunidade e pelo sentimento de honra social compartilhado por todos os que alimentam tal crença (in: STREIFF-FENART, 1997, p. 38).

Nesse sentido, o autor acredita que os grupos étnicos são uma construção social, na qual a identidade étnica se edifica a partir da diferença. Assim, o sentimento entre “os iguais” não pode ser separado da repulsa às "diferenças". E, o sentimento de pertença não é criado a partir do isolamento, mas, da comunicação da diferença, da qual os indivíduos se apropriam para demarcar suas fronteiras étnicas.

¹ Weber, Max. IN: Streiff-Fenart. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo, UNESP, 1997.



Enquanto Weber se preocupa principalmente com o aspecto político da questão étnica, expresso pelas tensões que se instauram na competição entre os grupos que disputam posições privilegiadas na hierarquia social, Barth faz recair maior ênfase na sua dimensão ideológica, abordando a noção de fronteiras entre os grupos étnicos. Assim, para Barth, a expressão *grupo étnico* designa uma população que:

1. se perpetua principalmente por meios biológicos;
2. compartilha valores culturais fundamentais, postos em prática em formas culturais num todo explícito;
3. compõe um grupo de comunicação e interação;
4. tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem (BARTH, apud OLIVEIRA, 1976, p. 2).

As fronteiras entre os grupos étnicos a que Barth se refere são as fronteiras sociais, mas, acredita que elas podem ter contrapartidas territoriais. À medida que um grupo étnico conserva sua identidade, ao interagir com membros de outros grupos, isso se transforma em critérios para manifestar a pertença ou a exclusão àquele grupo. A noção de fronteira étnica, defendida por Barth, trouxe importante contribuição para os estudos acerca de grupos étnicos e para a compreensão dos fenômenos da etnicidade.

A análise da questão da etnicidade, na perspectiva dos dois autores, possibilita uma melhor compreensão a respeito do processo de construção ou preservação da identidade étnica de determinados grupos humanos. Tais análises ajudam-nos, sobretudo, a perceber a dinâmica da formação das identidades. Nesses termos, nos fornecem, igualmente, elementos importantes para compreendermos a noção de comunidade.

A construção da identidade étnica de grupos humanos tornou-se um dos temas mais discutidos atualmente. "Mais do que o 'bom senso' parece ser a identificação étnica a coisa 'melhor distribuída no mundo'⁶". Ela exprime, sobretudo, a tensão que se instaura entre grupos, no confronto por melhores posições na hierarquia social. O que se vê nesse processo é a coesão interna das relações afetivas, englobando o nível de representação social e simbólica do grupo.

⁶ Afirmação cartesiana, parafraseada por Roberto Cardoso de Oliveira. *Identidade Etnia e Estrutura Social*. São Paulo. Pioneira, 1976.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Dentre os diversos grupos que buscam a afirmação de suas identidades étnicas, estão aqueles que compõem as comunidades remanescentes de quilombos. Muitas dessas comunidades não são, necessariamente, remanescentes dos antigos quilombos e as que o são, muitas vezes têm dificuldade de encontrar suas raízes históricas. Como nos ensina Funes, hoje o termo quilombo foi apropriado e redimensionado por essas comunidades enquanto elemento de identidade e de luta pela terra dos remanescentes (FUNES, 1995, p. 34).

Assim, muitas comunidades negras vêm buscando, na história de suas raízes, elementos que apontem para uma origem comum de seus habitantes e, dessa forma, procuram se afirmar enquanto grupos étnicos que ocupam um território remanescente de quilombo.

A identidade histórica de ‘remanescentes de quilombo’ emerge como resposta atual de uma situação de conflito e confronto com grupos sociais, econômicos e agências governamentais que passam a implementar novas formas de controle político e administrativo sobre o território que ocupam, e, com as quais estão em franca oposição (O'DWEVER, 1995, p.121).

É nesse contexto de intervenções externas no espaço territorial e na organização interna do grupo, que a comunidade de Conceição das Crioulas responde a essas intervenções com a estruturação de um novo campo de relações de poder e resistência, que começa a adquirir sentido a partir do momento em que esse movimento desperta para uma identidade étnica. Ou seja, passa a se constituir a luta de um grupo que reivindica a identidade de “remanescente de quilombos”, a partir da necessidade, do desejo e da possibilidade de preservar a posse da terra.

A construção da identidade étnica do povo negro de Conceição das Crioulas está intimamente ligada à origem da comunidade (as seis crioulas) e à crença subjetiva (Weber, 1991) da origem comum do grupo, como afirma Dona Maria Antônia: “Aqui é tudo família, a comunidade é toda família, crioula da Conceição; sendo crioula, é tudo família; é um sangue só”⁷.

⁷ Depoimento prestado para o Mapeamento e Identificação das Áreas Remanescentes de Quilombos, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Portanto, entendendo grupo étnico como um conjunto de pessoas cujas crenças se baseiam na origem comum, real ou imaginária, podemos concluir que estamos diante de uma coletividade que responde à sociedade circundante pela etnicidade.

De acordo com Barth⁸, o grupo étnico constitui-se como forma de organização social em que os atores categorizam-se a si mesmos e aos outros com propósito de interação. E assinala que a pertença étnica não pode ser definida senão pela demarcação entre os membros e os não-membros, pois a etnicidade implica sempre a organização de grupos dicotômicos Nós/Eles. Dessa forma, são as categorias de identificação que, através da interação, vão determinar quem pertence ou não ao grupo étnico em questão.

Atualmente, na comunidade de Conceição das Crioulas, podemos identificar a população tomando como referência, num primeiro momento, aquilo que chamaríamos de dois agrupamentos sociais distintos, embora guardando uma heterogeneidade no seu interior: “remanescentes de quilombos” (recebendo, na nomenclatura local, as designações principais: negro, moreno, crioulo) e os “não remanescentes” (composto por índio, descendente de índio, ou, ainda, caboco; branco ou fazendeiro). Os do primeiro agrupamento se sentem parte de uma origem comum (a descendência das seis crioulas, fundadoras da comunidade), e, como tais, são identificados pelos "outros". Para aqueles do segundo, o mito de origem da comunidade não faz nenhum sentido. Eles são também identificados, pelos “remanescentes”, hoje, como: "posseiros", "invasores" ou "expropriadores" das terras e dos valores culturais dos negros.

Identificar-se como descendente das seis crioulas, é uma das formas pelas quais os remanescentes constroem sua identidade étnica (negra). E, também, na perspectiva de construir uma identidade negra, estão mudando seus hábitos na maneira de se vestir, de pentear os cabelos, adotando alguns vocábulos afro-brasileiros e outros.

Nesse processo de construção histórica e identitária as mulheres negras de Conceição das Crioulas tem se definido como símbolo de resistência e luta. Ao elegê-las como principais sujeitos de minha pesquisa não fiz aqui uma opção apenas por um “estudo sobre mulheres”, mas por estudo sobre relações de gênero – cuja discussão teórica ainda precisa ser aprofundada-. Não basta estudar as mulheres é preciso estudar

⁸ Barth, F. *Grupos étnicos e suas fronteiras*. In: Poutignat, P. e outro. *Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras*. São Paulo, Editora UNESP, 1998.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

as relações estabelecidas entre homens e mulheres na construção do espaço social. Isto porque, segundo Scott “o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1991, p.164).

Considerações finais

Neste trabalho, procurei contar parte da história da população negra de Conceição das Crioulas, dando ênfase à participação das mulheres na história e na construção de uma identidade étnica e cultural, processo ainda em curso, iniciado no final da década de 1980.

A compreensão desse movimento implicou, ao mesmo tempo, uma reflexão sobre o passado daqueles negros, focalizando, de modo especial, aquilo que denominamos mito de fundação da comunidade negra. Para isso, foram fundamentais os depoimentos de pessoas da comunidade, principalmente das mais idosas, que, através de suas memórias, me possibilitaram essa compreensão.

Contam os mais velhos que Conceição das Crioulas foi fundada no "tempo dos reis". Para os mais jovens, principalmente os envolvidos na atual luta pela posse da terra, esse "tempo dos reis" corresponde ao final do século XVIII.

A construção de representações daquele período, por parte da comunidade, tem como marco referencial a suposta existência de um documento datado de 1802, mencionado insistentemente pelos "antigos", que diziam os já falecidos e dizem outros, hoje, tratar-se da escritura das terras compradas pelas seis crioulas "no tempo dos reis". Ainda de acordo com essa tradição oral, as crioulas teriam pago essa compra com o seu próprio trabalho, isto é, fiando algodão para vender: “Pagaro a terra fiano; fiano e indo vender em Flores, caminhando de a pé até chegar lá (...) elas pagaro essa terra depois de paga o rei mandou escriturar; isso foi em 1802; quem fez a escritura foi Pedro José Delgado, escrivão da Torre”⁹.

Ainda de acordo com a memória oral, faz parte da história de Conceição das Crioulas a luta tradicional da mulher pela posse da terra e em defesa do povo negro. A partir do que contam os “quilombolas”, podemos dizer que a atuação feminina aparece

⁹ Depoimento de Antônio Andreino Mendes, em entrevista feita pelo jornalista Adécio Vasconcelos para o Programa "Campo Livre", TV local.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

notadamente nos seguintes momentos: "no tempo dos reis", quando as seis crioulas lutaram para comprar a terra; num segundo momento, que vai da década de 1950 até o final dos anos 1980, marcado pela luta de Agostinha Caboclo para recuperar para si e para os seus "parentes" as terras que lhes haviam tomado os "fazendeiros brancos"; num terceiro momento, através do movimento em curso, iniciado no final da década de 1980, em que aparece mulheres como Givânia Maria da Silva, principal articuladora da luta pelo reconhecimento da comunidade como quilombola; Maria Aparecida Mendes, Valdeci da Silva, Márcia Jucilene e outras.

Referências bibliográficas

- BARTH, Fredrik. In: Poutignat, Philippe. **Teorias da etnicidade. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo: Perspectiva, 1991.
- _____. **Mito do eterno retorno.** São Paulo: Mercuryo, 1992..
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade classe.** São Paulo: Ática, 1964.
- FUNES, Eurípedes Antônio. **"Nasci nas matas, nunca tive senhor": história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas.** Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1995 (mimeo).
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. **Regime de Índio e faccionismo: os Atikum da Serra Umã.** Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1993.
- GUSMÃO, Neusa M. Mendes de. **TERRA DE PRETOS, TERRA DE MULHERES: terra, mulher e raça num bairro rural negro.** Ministério da Cultura/FCP, 1995.
- JONGE, Klass de. **África do Sul: apartheid e resistência.** Editora Cortez: EBHO, 1991.
- LEVIS-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural dois.** São Paulo: Tempo Brasileiro, 1978.
- LIMA, Marcos Galindo. **Ocupações Pré-Históricas em Conceição das Crioulas-Salgueiro/PE.** Dissertação de mestrado. Recife, UFPE, 1997 (mimeo).
- MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1995.
- MEDEIROS, Bartolomeu Figueirôa e ALBUQUERQUE, Mabel Ann Black de (organizadores). **Comunidades remanescentes de quilombos no interior de Pernambuco.** Recife: UFPE, 1997.
- MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: pioneira Thomson, 2002.
- O'DWYER, Eliane Cantarino (org). **Terra de quilombos.** ABA. Imprensa DECANIA CFCH/UFRJ, 1995.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976.

PRIORI, Mary Del. **Mulheres no Brasil Colonial**. São Paulo: Contexto, 2.000.

SALES, Celecina de Maria Veras e outras. **Feminismo: memória e história**. Fortaleza: Edições UFC, 2.000.

SAHLINS, Marshall. **O "Pessimismo Sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção**. IN: MANA – estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, abril, 1997.

SANZONE, Lívio. **Objetos de Identidade negra: consumo, mercantilização, globalização e a criação de culturas negras no Brasil**. IN: MANA – estudos de Antropologia Social. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, abril, 2.000.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analysis**. In: **Gender and politics of History**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1991.

SOUZA, Vânia Rocha Fialho de Paiva (antropóloga responsável). **Projeto mapeamento e identificação das áreas remanescentes de quilombos (Conceição das Crioulas)**. Recife: FCP/ UFAL, 1998.

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth e outros. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.